

# TOPÓNIMOS COMPOSTOS NO PORTUGUÊS EUROPEU: NOMES DE FREGUESIA NOS DISTRITOS PORTUGUESES DE AVEIRO E GUARDA

*Compound toponyms in European Portuguese: parish names in the Portuguese districts of Aveiro and Guarda*

Sílvia Ribeiro<sup>1</sup>

Susana Nunes<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo analisa-se o recurso à composição como processo de formação de designações toponímicas em Portugal, tendo como estudo de caso as denominações de freguesias nos distritos de Aveiro e Guarda. Pretende-se, por um lado, perceber a importância da composição na geração de designações toponímicas em Portugal e, por outro, compreender de forma mais detalhada as propriedades das designações toponímicas compostas em estudo. Para tal, partiu-se da análise de 544 designações de freguesias portuguesas dos dois distritos acima referidos, tendo-se como base a lista disponível no Portal do Eleitor. Os dados analisados permitem confirmar que a composição corresponde a um processo de formação de palavras relevante na toponímia portuguesa, tendo-se verificado que 41% das designações de freguesias nos distritos em análise são nomes compostos.

---

<sup>1</sup> Doutoramento em Linguística | Professora Adjunta | Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria | ORCID: 0000-0003-4425-9535

<sup>2</sup> Doutoramento em Linguística | Professora Adjunta | Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria | ORCID: 0000-0003-4425-9535

Apresentando grande diversidade no que concerne aos esquemas compositivos, o mais comum é o esquema [NprepdetN]<sub>N</sub>. Estas denominações toponímicas compostas, integrando vocábulos de áreas semânticas muito diversas, refletem influências das características geográficas e sociais destas duas regiões administrativas portuguesas.

**Palavras-chave:** Toponímia; composição nominal; áreas semânticas

**Abstract:** *This paper analyses the use of compounding as a process of formation of toponymic designations in Portugal, taking as a case study the names of parishes in the districts of Aveiro and Guarda. The aim is, on the one hand, to understand the importance of compounding in the generation of toponymic designations in Portugal and, on the other hand, to understand in a more detailed way the properties of the compound toponymic designations under study. To this end, we started by analysing 544 designations of Portuguese parishes from the two districts mentioned above, based on the list available at the Portal do Eleitor. The data analysed allows confirming that compounding corresponds to a relevant word formation process in Portuguese toponymy, having been verified that 41% of the parish names in the districts under analysis are compound names. The toponyms under analysis present a great diversity in what concerns the compositional schemes, but the most common is the [NprepdetN]<sub>N</sub> scheme. These compound toponymic names, integrating vocabulary from very diverse semantic areas, reflect influences from geographic and social characteristics of these two Portuguese administrative regions.*

**Keywords:** *Toponymy; nominal compounding; semantic areas.*

## Introdução

Elemento fundamental da constituição e da identificação de qualquer comunidade humana, a língua assume-se como uma forma de o homem materializar os seus pensamentos e de representar o mundo em que vive (SILVA; ISQUERDO, 2020). Mais especificamente, o léxico, concebido como “a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística” (VILELA, 1994, p. 17), mantém uma relação indelével com a sociedade e com a cultura, sendo por elas profundamente influenciado e delas refletindo propriedades e especificidades que importa (re)conhecer.

No conjunto alargado das unidades lexicais de uma dada língua, têm carácter particularmente polifacetado e informacionalmente denso os nomes próprios, sejam os nomes de pessoas (antropónimos), sejam os nomes de lugares (topónimos). Com efeito, “o nome próprio, de pessoa ou de lugar, registra e perpetua crenças, valores, procedências de grupos sociais e, por extensão, da sociedade em diferentes momentos de sua história com suas ideologias, devoções, motivações e também seus modismos e valores” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 10). Por isso, os nomes próprios,

cumprindo o seu desígnio primeiro de identificar lugares e pessoas, refletem concomitantemente traços socioculturais e ideológicos de uma sociedade. Nestas circunstâncias, facilmente se compreende que a sua análise careça de uma abordagem multi- e interdisciplinar, na qual a Linguística, como área mais ampla a que associa, tem um papel de relevo, articulando--se com outros domínios do saber como a História ou a Geografia (ISQUERDO, 2023).

Como afirma Isquerdo (2023, p. 8), “a despeito do seu caráter interdisciplinar, a Toponímia tem como objeto específico de estudo os signos toponímicos, itens lexicais da língua que são investidos, pelo uso, de função denominativa”. Assim sendo, justifica-se uma abordagem que privilegie uma análise dos processos de formação de palavras subjacentes ao léxico toponímico, na linha de trabalhos desenvolvidos, entre outros, por Schnabel-Le Corre (2014), Ursini (2017) ou Gonsalves e Tavares (2020). Partindo desta constatação, o presente trabalho visa identificar e caracterizar as designações toponímicas compostas usadas em dois distritos portugueses, Aveiro e Guarda, centrando-se nos nomes de freguesias e ancorando-se numa abordagem morfológica sincrónica (ALMELA PÉREZ; LOPÉZ LOPÉZ, 2013).

De modo a enquadrar e sustentar a análise dos dados, recolhidos a partir do Portal do Eleitor (<https://www.portaldoeleitor.pt/>), começaremos por apresentar brevemente duas propostas recentes de descrição e classificação dos nomes comuns compostos em língua portuguesa, relacionando-as, posteriormente, com estudos já realizados no âmbito da toponímia e, especificamente, no âmbito dos topónimos compostos. Prossegue-se, depois, para uma análise das designações toponímicas compostas das freguesias integradas nos distritos de Aveiro e Guarda, em Portugal, considerando-se (i) as unidades de base utilizadas, (ii) os esquemas compositivos operantes, (iii) as relações sintático-semânticas instituídas intracomposto e (iv) as áreas semânticas dos elementos formativos em uso.

## **Composição nominal em língua portuguesa e toponímia: relações possíveis**

Segundo Ranchod (2003, p. 241), “os nomes compostos constituem a parte mais numerosa do léxico nominal das línguas”, sendo, por isso, não apenas objeto de muitos estudos, mas também objeto de algumas polémicas, muitas vezes associadas às diferentes bases teórico-metodológicas que enquadram os trabalhos em questão.

Estando sobretudo na origem de nomes e adjetivos (VILLALVA, 2020), a composição é entendida como

um processo de formação de palavras [...] que envolve uma relação de concatenação, de cariz coordenativo, subordinativo ou modificativo, entre pelo menos duas unidades lexicais – radicais, temas ou palavras –, cada uma das quais marcada categorialmente como Nome, Adjetivo, Verbo, Advérbio, Preposição, Numeral ou Conjunção (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 461).

Em função das características das unidades lexicais que integram os compostos, das relações que entre elas se estabelecem e da (não) composicionalidade do composto, é possível identificar diferentes tipos de composição (VILLALVA, 2020; RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016).

Assim, considerando as propriedades dos elementos constitutivos dos compostos, distinguem-se habitualmente compostos formados com base na concatenação de radicais (compostos morfológicos, para RIBEIRO e RIO-TORTO, 2016, e para VILLALVA, 2020), de compostos formados por palavras autónomas (compostos morfossintáticos e compostos sintagmáticos, segundo RIBEIRO e RIO-TORTO, 2016; compostos morfossintáticos e compostos sintáticos, na perspectiva de VILLALVA, 2020).

Os primeiros, os compostos morfológicos, “incluem pelo menos um radical não autónomo, frequentemente de origem grega ou latina, e caracterizam-se pela presença de uma vogal de ligação [...] entre os respetivos elementos compositivos” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 476). Neste conjunto, segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016) figuram ainda os tradicionalmente chamados compostos aglutinados, “produtos composicionais [que] resultam de alterações diacrónicas” (p. 481) e que envolvem um ou mais elementos destituídos de autonomia, e ainda os compostos por “recomposição”, isto é, aqueles que incluem uma unidade truncada e uma palavra plena, como, por exemplo, *farmanegócio* ou *infoexclusão*.

Os compostos morfossintáticos incluem formações que “não estão [...] bem formadas de acordo com as regras da sintaxe do português” (VILLALVA, 2020, p. 3154), ou seja, são estruturas que se caracterizam por “algum grau de atipicidade relativamente aos padrões sintagmáticos do português ativos nas estruturas sintagmáticas correspondentes” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 484).

Por fim, os compostos sintáticos (VILLALVA, 2020) ou sintagmáticos (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016) são aqueles cujos elementos formativos se dispõem de acordo com as regras de construção sintática da língua portuguesa. Conforme afirma Villalva, “a formação de palavras compostas a partir de sequências de palavras bem formadas na sintaxe depende de fatores como a frequência de uso, que podem levar a um grau de coesão lexical e semântica que as distingue das sequências que estão na sua base” (2020, p. 3155).

Independentemente das classes de unidades lexicais envolvidas na sua formação, os compostos do Português podem assentar em esquemas compositivos muito diversos se tivermos em conta as categorias gramaticais dos seus elementos constitutivos. Segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 473-474), “em português, os padrões compositivos mais produtivos são [NprepN]<sub>N</sub>, [NA]<sub>N</sub>, [VN]<sub>N</sub> e [NN]<sub>N</sub>”.

Também diversas são as relações sintáticas que podem ocorrer no interior dos compostos. Segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016), identificam-se pelo menos três tipos de compostos a este nível (coordenados, subordinados e modificativos). O Quadro 1 resume a caracterização de cada um destes grupos de compostos.

Quadro 1: Tipos de compostos consoante as relações sintáticas intracomposto

<b>Tipo de composto</b>	<b>Caracterização</b>
Compostos coordenados	“caracterizam-se pela presença obrigatória de dois elementos com a mesma categoria gramatical, entre os quais se estabelece uma relação de adição” (p. 490)
Compostos subordinados	“seguem um padrão estrutural que inclui um elemento com capacidade de seleção argumental e outro que preenche o lugar vazio aberto pelo primeiro” (p. 491)
Compostos modificativos	“assumem[-se] essencialmente como modificadores do nome da esquerda, permitindo precisar ou clarificar o significado deste último através

	da atribuição de propriedades de natureza qualitativa [...] ou classificatória.” (p. 493)
--	---

Fonte: RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016.

Já para Villalva (2020), as relações estabelecidas entre os elementos dos compostos permitem identificar compostos formados por hipotaxe e compostos formados por parataxe. Afirma esta autora que “nos compostos formados por hipotaxe, estabelece-se uma relação de dependência entre os constituintes do composto, sendo um deles predominante (subordinador). Os constituintes dependentes podem modificar esse constituinte predominante ou funcionar como seu complemento” (p. 3155).

Entre outras vertentes de análise, os compostos carecem, ainda, de uma análise minuciosa das suas propriedades semânticas, sobretudo por, como afirmam Ribeiro e Rio-Torto (2016), cada composto integrar, de formas diversas, os traços dos respectivos elementos constitutivos. Ainda que o espectro de denominações compositivas existentes na língua portuguesa seja muito amplo, estas unidades lexicais são sobretudo usadas para denominar seres ou objetos (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016).

Também na onomástica em língua portuguesa, os nomes compostos são muito comuns, seja na antroponímia (PELLENS; SANTOS, 2020) ou na toponímia (SALEMA, 2016; MARQUES, 2017). Para Gonsalves e Tavares (2020, p. 214), “a classificação do topônimo como composto ocorre quando há mais de um formante como em *Lagoa Rica* (ribeirão em Ribas do Rio Pardo), *João Grandão* (córrego em Caracol), *Lagoa Feia* (córrego em Campo Grande), *Capão Seco* (distrito em Sidrolândia)”. As mesmas autoras afirmam ainda que “nos topônimos, são considerados compostos os formados por dois termos, independentemente da presença de hífen. Assim, o que não seria considerado composto nas descrições gramaticais, como, por exemplo, *buriti vermelho*, assume essa concepção na condição de nome próprio (córrego *Buriti Vermelho* no município de Sonora)” (p. 214).

Na realidade, vários estudos internacionais apontam a relevância dos nomes compostos no âmbito toponímico (KOHLEIN, 2015; LOFTRÖM; SCHNABEL-LE CORRE, 2010; MANDOLA, 2015;), sublinhando que a sua complexidade advém de diversas características (número de constituintes, função de cada um deles, estrutura

morfossintática do topónimo composto) (LOFSTRÖM; SCHNABEL-LE CORRE, 2010).

É comum, nestes estudos, sobretudo nos de pendor sincrónico como o que agora levamos a cabo, que a atenção se concentre na própria estrutura da denominação toponímica. Löfström (2014) explica que a estrutura interna das denominações toponímicas compostas pode ser muito complexa, afirmando que preposições, adjetivos, substantivos comuns, por exemplo, bem como nomes próprios ou derivações de nomes próprios e mesmo palavras estrangeiras podem fazer parte de nomes próprios complexos e, especialmente, de topónimos (p. 126, tradução nossa<sup>3</sup>). Já Schnabel-Le Corre (2015) afirma, a este respeito, que nos topónimos complexos, o constituinte genérico é frequentemente modificado, restringido ou limitado por um constituinte específico. A natureza deste modificador é, na maioria das vezes, um adjetivo, um substantivo comum ou próprio, ou uma frase sintática (p. 311, tradução nossa<sup>4</sup>).

Nos estudos de toponímia portuguesa, cujos inícios remontam já aos trabalhos de inícios do século XX de Leite de Vasconcelos ou Joseph M. Piel, entre outros, tem-se dado mais relevância ao estudo dos topónimos de áreas geográficas específicas (ex.: CARVALHINHOS, 2003), à análise de questões etimológicas e culturais (ex.: AZEVEDO, 2006), mas não se encontram trabalhos especificamente dedicados à identificação e análise de denominações toponímicas compostas.

## Metodologia

Face à escassez de trabalhos de análise dos topónimos portugueses sob uma perspetiva morfológica, optámos por, neste trabalho inicial a que pretendemos dar sequência, trabalhar denominações toponímicas dos distritos da Guarda e de Aveiro, ambos localizados na região centro-norte de Portugal, o primeiro no litoral, o segundo no interior. Escolheram-se estes dois distritos<sup>5</sup> precisamente por se localizarem

---

3 No original: “prepositions, adjectives, common nouns for example, as well as proper names or derivations of proper names, and even foreign words can be part of complex proper names and especially toponyms”.

4 No original: “in complex toponyms the generic constituent is often modified, restrained or limited by a specific constituent. The nature of this modifier is mostly an adjective, a common or proper noun, or a syntactic phrase”.

<sup>5</sup> De uma forma simplificada, esclarece-se, que o Código da Divisão Administrativa apresenta uma estrutura de três níveis: 1.º nível, o distrito; 2.º nível, o concelho; 3.º nível, a freguesia (INE, s/d). A maior subdivisão administrativa existente no país corresponde aos distritos, sendo o território nacional

aproximadamente na mesma latitude, um na faixa litoral, outra fazendo fronteira com Espanha, no interior. Embora com este trabalho não se pretenda uma análise diacrónica nem socioculturalmente sustentada, será relevante ter como base duas áreas geográficas com características físicas e com percurso sociohistórico bastante diverso.

O acesso às denominações toponímicas fez-se mediante a consulta da página web Portal do Eleitor - (disponível em <https://www.portaldoeleitor.pt/paginas/reorganizacaoadministrativa.aspx>), a partir da qual é possível descarregar ficheiros .pdf contendo a lista das freguesias (e uniões de freguesias decorrentes da Reforma Administrativa de 2013) do país. Optou-se por trabalhar com as denominações de freguesias por duas razões: (i) por um lado, por serem denominações que, pela sua granularidade, permitem retratar a diversidade de signos toponímicos em uso; (ii) por outro lado, porque, agregando vários lugares, configuram um número total de ocorrências que é passível de ser trabalhado na fase atual deste projeto de investigação (o que seria inviável se se optasse por trabalhar a designação de todos os lugares destes dois distritos).

Assim, neste estudo, são tidas em consideração 544 denominações de freguesias, sendo 208 do distrito de Aveiro e 336 do distrito da Guarda. Importa esclarecer que foram tidas em conta as designações prévias à Reorganização Administrativa do Território das Freguesias, implementada em 2013, e que assentou numa política de agregação de freguesias. Esta resultou na junção político-administrativa das freguesias, sendo que, em alguns casos, as designações das Uniões de Freguesias continuaram transparentes, incluindo as designações de todas as freguesias previamente existentes (ex.: *União das Freguesias de Águeda e Borralha*). Noutros casos, a freguesia resultante desta reforma administrativa passou a ser designada apenas pelo nome de uma das antigas freguesias (ex.: a antiga freguesia de *Seixo Amarelo*, no distrito da Guarda, foi anexada pela freguesia de *Gonçalo*). Optou-se por estudar as designações anteriores à Reorganização Administrativa de 2013 por se entender que estas são mais fiéis ao intuito

---

português constituído, atualmente, por 18 distritos e 2 regiões autónomas. Cada distrito é dividido em concelhos ou municípios. Estes são constituídos por várias freguesias, assumidas como a unidade territorial mais pequena. (AME - Agência para a Modernização Administrativa, 2023).

denominador que esteve na sua génese, não refletindo as determinações político-administrativas impostas em 2013.

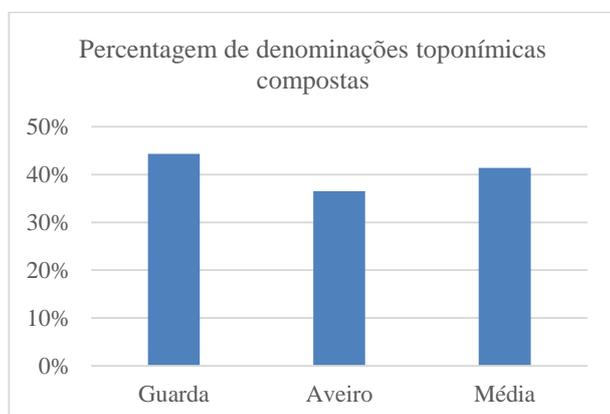
Uma vez estabilizada a lista de topónimos sob escopo, procedeu-se à identificação daqueles que, de um ponto de vista sincrónico, os falantes conseguem reconhecer como sendo constituídos por mais do que uma palavra, ocorra esta, na perspetiva da gramática tradicional, sob a forma de um composto justaposto (ex.: *Avelãs de Caminho*) ou aglutinado (ex.: *Valbom*) (conforme estudos prévios de CUNHA; CINTRA, 1998). Para cada uma das ocorrências identificadas (76 para Aveiro, 149 para a Guarda), procedeu-se a uma análise que replica a habitualmente aplicada aos nomes comuns compostos, passando pela (i) identificação das classes lexicais em uso, (ii) determinação dos principais esquemas compositivos operantes e (iii) referência às relações sintáticas intracomposto. Posteriormente, analisaram-se as designações toponímicas compostas considerando (iv) as respetivas áreas semânticas. Estes resultados e a sua discussão apresentam-se nas secções seguintes.

### Apresentação e discussão de resultados

Ao proceder-se a uma primeira análise das 544 denominações toponímicas, constatou-se que 41% correspondem a compostos nominais, o que confirma a importância que este processo de formação de palavras assume no contexto da toponímia. Esta prevalência é mais acentuada nas denominações de freguesias do distrito da Guarda do que nas do distrito de Aveiro, conforme se visualiza na Figura 1.

Figura 1: Percentagem de denominações toponímicas compostas no *corpus* em estudo

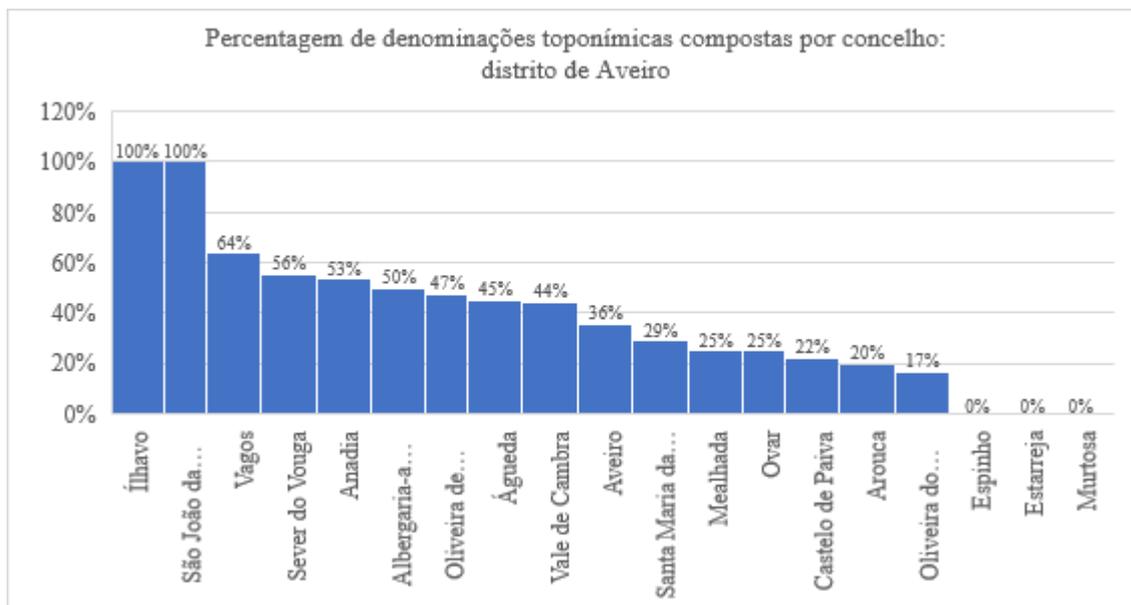
(por distrito e média dos dois distritos)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

Ao fazer-se um estudo mais detalhado no conjunto das denominações de cada distrito, verifica-se que há diferenças significativas no que concerne à preponderância das denominações toponímicas compostas, conforme se visualiza nas Figuras 2 e 3.

Figura 2: Percentagem de denominações toponímicas compostas: concelhos<sup>6</sup> do distrito de Aveiro



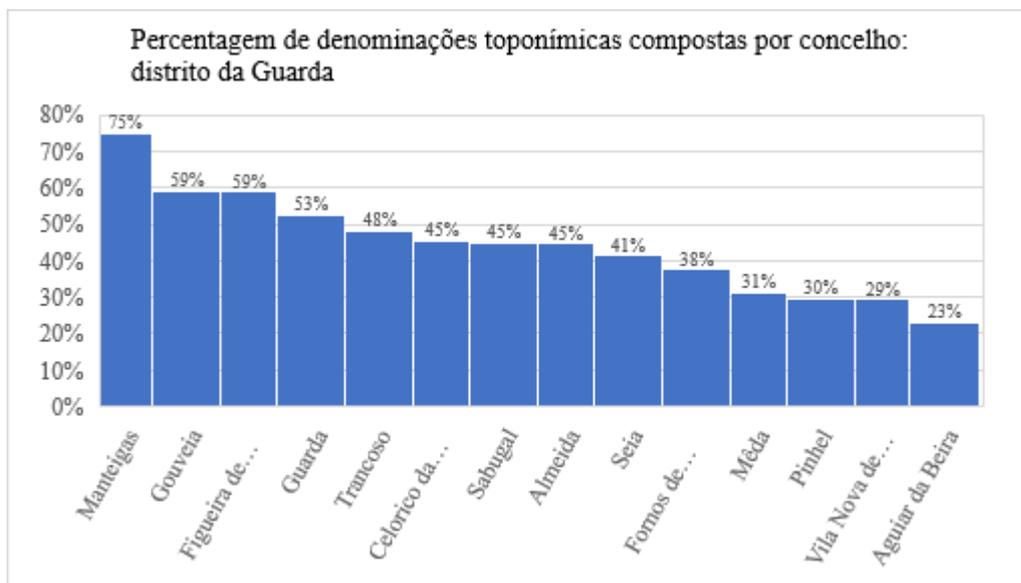
Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

Assim, no distrito de Aveiro, encontram-se dois concelhos cujas freguesias têm todas denominações compostas – os casos de Ílhavo e São João da Madeira – havendo, no total, seis concelhos com percentagens de ocorrência de denominações compostas das respetivas freguesias iguais ou superiores a 50%. Neste distrito, há três concelhos sem ocorrência de nomes de freguesia compostos: Espinho, Estarreja e Murtosa.

Já no distrito da Guarda, são quatro os concelhos com mais de 50% das respetivas freguesias nomeadas através de denominações toponímicas compostas. Importa referir que, neste distrito, todos os concelhos incluem freguesias cujas denominações são compostas (cf. Figura 3).

<sup>6</sup> Como referido na nota 3, o concelho ou município corresponde à subdivisão administrativa do distrito. Atualmente, Portugal tem 308 concelhos (Direção-Geral das Autarquias Locais, 2023)

Figura 3: Percentagem de denominações toponímicas compostas: concelhos do distrito da Guarda



Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

Feita esta caracterização global do uso de denominações toponímicas compostas nas freguesias dos distritos em análise, analisamos agora as propriedades das mesmas. Assim, importa recordar que são estudadas apenas as ocorrências que, do ponto de vista sincrónico, poderão ser percebidas pelos falantes como denominações compostas. Aquelas que poderão ter tido uma origem composta em fases pretéritas da língua, mas cujo carácter polilexical já não é visível para os falantes, não são estudadas.

Assim, os dados recolhidos permitem afirmar que a quase totalidade dos nomes de freguesia sob escopo se integram no conjunto dos compostos morfossintáticos e sintagmáticos (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016). São escassos os exemplos de compostos morfológicos, neles se incluindo apenas exemplos de construções que, resultando de operações de fusão de elementos adjacentes, ocorrem grafadas numa única palavra (*Valmaior*, *Valbom*).

No âmbito dos compostos morfossintáticos, os exemplos que se atestam pertencem, maioritariamente, ao distrito da Guarda (ex.: *Pena Lobo*, *Vale Flor*), encontrando-se apenas um exemplo no distrito de Aveiro (*Casal Comba*). Nos topónimos da Guarda, são de destacar várias ocorrências de topónimos que, seguindo o esquema compositivo Nome+Nome ([NN]<sub>N</sub>), incluem um nome próprio como nome da direita (N2), pressupondo-se, por isso, a possível existência, em fases anteriores

da língua, de uma preposição, entretanto desaparecida. Tal sucede, por exemplo, em *Castelo Rodrigo, Vila Fernando, Vila Garcia, Vilar Torpim*.

Os compostos sintagmáticos são os mais comuns em ambos os distritos, assumindo configurações bastante diversas, mas em que têm relevo, como abaixo se detalhará, as estruturas Nome+preposição+Nome ([NprepN]<sub>N</sub>) (ex.: *Freixo de Numão, Penha de Águia, Vale de Espinho*) e Nome+preposição+determinante+Nome ([NprepdetN]<sub>N</sub>) (ex.: *Aldeia do Bispo, Avelãs da Ribeira, Sobral da Serra*). Nestes compostos, a preposição operante é, em praticamente todos os casos, a preposição *de*. Destaca-se, porém, o caso do topónimo *Vide entre Vinhas*, no distrito da Guarda, único exemplo de designação toponímica composta com preposição diferente de *de*.

São também de assinalar os compostos sintagmáticos de configuração Nome+Adjetivo ([NA]<sub>N</sub>) (*Silva Escura, Vila Maior, Vila Ruiva, Vilar Formoso*) ou Adjetivo+Nome ([AN]<sub>N</sub>) (*Vera Cruz*). Em todas estas ocorrências estamos na presença de construções plurilexicais que, superficialmente, partilham a mesma organização que se encontra nas estruturas sintagmáticas correspondentes, sendo as propriedades de opacidade sintática e semântica que as distinguem.

Os compostos identificados assentam numa grande diversidade de esquemas compositivos, encontrando-se muitas possibilidades de combinação de categorias gramaticais diferentes. Concretamente, registaram-se 16 possibilidades combinatórias nos nomes recolhidos no distrito de Aveiro e 21 nos do distrito da Guarda. O esquema compositivo mais comum é, nos dois distritos, [NprepdetN]<sub>N</sub>, registando-se 24 ocorrências no distrito de Aveiro e 38 no distrito da Guarda. Neste esquema compositivo são integrados nomes, em N1 e em N2, com características muito diversas: o N1 pode incluir nomes no singular (*Aldeia do Bispo, Oliveira do Bairro, Porto da Carne*) ou no plural (*Lamas do Vouga, Paços da Serra, Paredes do Bairro*), nomes de estrutura morfológica simples (*Pêra do Moço, Seixo do Coa, Vale da Mula*) ou de estrutura morfológica complexa (*Freixeda do Torrão, Lajeosa do Mondego*).

No distrito da Guarda, o segundo esquema compositivo mais representado é o esquema [NA]<sub>N</sub> (ex.: *Aldeia Viçosa, Castelo Bom, Pena Verde, Rio Torto*). Já no distrito de Aveiro, o segundo esquema compositivo com mais registos é o esquema [NprepN]<sub>N</sub> (ex.: *Avelãs de Caminho, Macieira de Alcoba, Ponte de Vagos*). Este

padrão de composição também tem muitas ocorrências no distrito da Guarda (ex.: *Porto de Ovelha, Casal de Cinza, Vale de Estrela*).

Os Quadros 2 e 3 indicam, por ordem decrescente de frequência, os principais esquemas compositivos identificados nas denominações dos distritos de Aveiro e Guarda, respetivamente, com alguns nomes exemplificativos.

Quadro 2: Esquemas compositivos mais frequentes nos topónimos compostos do distrito de Aveiro

<b>Esquemas compositivos operantes</b>	<b>Exemplos</b>
[NprepdetN] <sub>N</sub>	<i>Amoreira da Gândara, Gafanha do Carmo, Rocas do Vouga</i>
[NprepN] <sub>N</sub>	<i>Fonte de Angeão, Macieira de Sarnes, Vila de Cucujães</i>
[NN] <sub>N</sub>	<i>Casal Comba, Santa Eulália, Santa Joana</i>
[NNprepN] <sub>N</sub>	<i>São Paio de Oleiros, Santa Maria de Lamas, São João de Loure</i>
[NNprepdetN] <sub>N</sub>	<i>São João da Madeira, São Miguel do Mato, São Martinho da Gândara</i>
[NA] <sub>N</sub>	<i>Silva Escura, Valmaior, Vila Maior</i>
[NprepAdv] <sub>N</sub>	<i>Aguada de Baixo, Aguada de Cima, Avelãs de Cima</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

No distrito de Aveiro, identificaram-se ainda topónimos assentes noutros esquemas muito pouco frequentes, como [NNAprepN]<sub>N</sub> (ex.: *Vila Nova de Monsarros*), [NNprepV]<sub>N</sub> (ex.: *São João de Ver*) ou [NprepdetAN]<sub>N</sub> (ex.: *Gafanha da Boa Hora*).

Quadro 3: Esquemas compositivos mais frequentes nos topónimos compostos do distrito da Guarda

Esquemas compositivos operantes	Exemplos
[NprepdetN] <sub>N</sub>	<i>Aldeia da Ribeira, Lapa dos Dinheiros, Vale das Éguas,</i>
[NN] <sub>N</sub>	<i>Castelo Rodrigo, Monte Margarida, Santo Estêvão, Vila Garcia,</i>
[NA] <sub>N</sub>	<i>Águas belas, Aldeia Velha, Vale Longo</i>
[NprepN] <sub>N</sub>	<i>Mata de Lobos, Outeiro de Gatos, Vale de Azares,</i>
[NAprepdetN] <sub>N</sub>	<i>Vila Boa do Mondego, Vila Cortês da Serra, Vila Franca das Naves,</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

No que respeita aos esquemas compositivos atuantes nestes topónimos, o distrito da Guarda revela maior diversidade, não apenas no que concerne à quantidade de esquemas diferentes que se identificam nos seus topónimos, mas também na própria configuração de alguns desses esquemas. Por exemplo, o esquema [NN]<sub>N</sub>, em Aveiro, assenta quase exclusivamente em topónimos com nomes de santos<sup>7</sup> (ex.: *Santa Eulália, Santa Joana, São Jacinto*), ao passo que o mesmo esquema, na Guarda, ainda que contenha muitos nomes de santos (ex.: *Santa Maria, São Pedro, São Romão*), contempla muitos topónimos baseados em nomes próprios que não são de âmbito religioso (ex.: *Casal Vasco, Castelo Rodrigo, Fernão Joanes, Monte Margarida*).

Já se considerarmos as relações sintáticas intracomposto (considerando como base a proposta de RIBEIRO e RIO-TORTO, 2016), os topónimos compostos recolhidos incluem-se praticamente todos no conjunto dos compostos modificativos,

<sup>7</sup> “São” e “Santo(a)” são categorizados como Nomes. No contexto destas denominações toponímicas, mais do que identificarem propriedades ou características, “são” e “santo(a)” designam “pessoa que foi canonizada e santificada pela Igreja Católica”, na linha do proposto no Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa (2023).

funcionando os elementos da direita (nomes, sintagmas preposicionais, adjetivos, etc.) como modificadores do nome da esquerda, que, tal como nos nomes compostos comuns, se assume como núcleo do composto. Assim, esta relação de modificação do N1 é visível tanto em compostos [NA]<sub>N</sub> (*Aldeia Nova, Aldeia Viçosa, Fonte Longa, Vila Boa*), quanto em estruturas [NprepN]<sub>N</sub> ou [NprepdetN]<sub>N</sub>, nas quais o sintagma preposicional modifica (especificando) o elemento da esquerda, como em *Casas do Soeiro, Paços da Serra, Porto de Ovelha*. Neste contexto, são os elementos da direita (adjetivos ou sintagmas preposicionais) que permitem distinguir diferentes instâncias do N1 (ex.: *Vila Chã, Vila Ruiva, Vila Boa; Aldeia Nova, Aldeia Velha, Aldeia Viçosa; Vale da Mula, Vale das Éguas, Vale do Coa, Vale do Seixo*).

Como amplamente referido nos estudos sobre toponímia, é indissociável a relação que se estabelece entre estas denominações, o meio que as envolve e o percurso histórico de que são testemunhas. A este respeito, afirma Dick (1990, p. 34) que “o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada”. Por isso, a análise dos topónimos tem sido frequentemente associada ao estudo das respetivas motivações, destacando-se, a este nível, as propostas taxonómicas de Dick (1990). Neste estudo, optamos por privilegiar a análise dos compostos toponímicos a partir das áreas semânticas (de produtos e/ou constituintes) na linha do proposto por Ribeiro e Rio-Torto (2016) para os nomes compostos comuns.

Estudando-se, neste trabalho, denominações toponímicas compostas, importa proceder a um estudo individualizado de cada um dos respetivos elementos constitutivos, uma vez que cada nome composto pode congrega unidades lexicais com traços semânticos bastante diferentes (ex.: *Outeiro de Gatos*). Na realidade, em português, assim como nas demais línguas românicas, é o N1 que, na maior parte dos compostos, funciona como núcleo morfológico, categorial e semântico do produto compositivo (SCALISE; FÁBREGAS; FORZA, 2009), para o qual transfere as suas propriedades. Nestas circunstâncias, a análise simultânea das características semânticas do N1 e dos respetivos elementos modificativos não permitiria perceber o modo como o núcleo e os modificadores contribuem, de forma distinta, para a construção do significado final do produto. Assim, partiremos da análise das áreas

semânticas a que se associa o N1, por ser ele que, nos compostos do português, habitualmente figura como núcleo da estrutura.

O Quadro 4 apresenta as cinco principais classes semânticas identificadas no N1 dos topónimos sob escopo, organizando-as, por ordem decrescente, consoante a sua frequência.

Quadro 4: Áreas semânticas mais comuns no N1 dos topónimos compostos: distrito de Aveiro

<b>Áreas semânticas do N1</b>	<b>Exemplos: distrito de Aveiro</b>
Religião	<i>Santa Joana, Santo António, São Bernardo, São Jacinto, São Roque</i>
Flora	<i>Amoreira da Gândara, Avelãs de Caminho, Castanheira do Vouga, Macieira de Alcoba</i>
Aglomerados humanos	<i>Casal Comba, Couto de Esteves, Vila de Cucujães, Vila Maior, Vilarinho do Bairro</i>
Construções humanas	<i>Albergaria da Serra, Paços de Brandão, Paredes do Bairro, Ponte de Vagos</i>
Acidente geográfico	<i>Caldas de São Jorge, Covão do Lobo, Covelo de Paivó, Rio Meão, Valmaior</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

Quadro 5: Áreas semânticas mais comuns no N1 dos topónimos compostos: distrito da Guarda

<b>Áreas semânticas do N1</b>	<b>Exemplos: distrito da Guarda</b>
Acidentes geográficos	<i>Alverca da Beira, Bouça Cova, Malhada Sorda, Monte Margarida, Outeiro de Gatos, Penha de Águia, Vale da Mula</i>
Aglomerados humanos	<i>Aldeia Nova, Casal Vasco, Vila Ruiva, Vilar Torpim,</i>

Construções humanas	<i>Castelo Bom, Fornos de Algodres, Paços da Serra, Poço do Canto, Torre do Terrenho,</i>
Flora	<i>Avelãs da Ribeira, Figueira de Castelo Rodrigo, Freixeda do Torrão, Freixo de Numão, Sobral da Serra</i>
Religião	<i>Santa Maria, Santo Estêvão, São Martinho, São Pedro</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

Contrariamente ao que sucede nos exemplos anteriores, no conjunto dos topónimos de freguesia do distrito da Guarda têm bastante expressão aqueles cujo N1 é um nome próprio, como nos exemplos *João Antão, Gonçalo Bocas, Fernão Joanes*. Os produtos resultantes correspondem, na perspetiva de Dick (1990), a antropotopónimos, na medida em que os antropónimos envolvidos deixam de indicar, nesta denominação específica, um ser humano singular. Esta realidade é quase inexistente nas denominações toponímicas do distrito de Aveiro.

Já no que concerne aos elementos modificativos (sejam nomes, adjetivos ou sintagmas preposicionais) que se identificam à direita do N1, estes também se organizam em áreas semânticas recorrentes, que se indicam nos Quadros 6 e 7.

Quadro 6: Áreas semânticas mais comuns dos elementos modificativos nos topónimos compostos: distrito de Aveiro

<b>Áreas semânticas dos elementos modificativos</b>	<b>Exemplos: distrito de Aveiro</b>
Rios	<i>Castanheira do Vouga, Lamas do Vouga, Macinhata do Vouga, Pessegueiro do Vouga, Rocas do Vouga, Sever do Vouga, Valongo do Vouga</i>

Outros acidentes geográficos/denominações geográficas	<i>Albergaria da Serra, Amoreira da Gândara, Oliveira do Bairro, São Lourenço do Bairro, São Martinho da Gândara, Ventosa do Bairro, Vilarinho do Bairro</i>
---	--

Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

Neste conjunto de topónimos têm também algum relevo aqueles cujos elementos modificativos da direita se referem a aspetos particulares do ambiente físico/natural envolvente (ex.: *Covão do Lobo, Nogueira do Cravo, Santa Maria de Lamas, São Miguel do Mato, São João da Madeira,*) ou do ambiente humano (ex.: *Santa Maria da Feira, São Paio de Oleiros*).

Quadro 7: Áreas semânticas mais comuns dos elementos modificativos nos topónimos compostos: distrito da Guarda

Áreas semânticas dos elementos modificativos	Exemplos: distrito da Guarda
Rios	<i>Lajeosa do Mondego, Rapoula do Coa, Seixo do Coa, Terras de Massueime, Vale do Coa, Vale do Massueime Vila Boa do Mondego</i>
Outros acidentes geográficos/denominações geográficas	<i>Cortiçô da Serra, Figueiró da Serra, Freixo da Serra, Mangualde da Serra, Paços da Serra, Sobral da Serra, Vila Franca da Serra</i>
Fauna	<i>Mata de Lobos, Outeiro de Gatos, Pena Lobo, Penha de Águia, Vale da Mula, Vale das Éguas, Vale de Coelha, Vila do Touro</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos.

Verifica-se que os nomes de animais têm bastante presença, enquanto elementos modificadores, nos topónimos de freguesia da Guarda, situação que não se constata no conjunto de topónimos de Aveiro, nos quais ocorre apenas *Covão do Lobo*. Nos topónimos de freguesia do distrito da Guarda os elementos modificativos incluem ainda muitos nomes próprios e/ou de figuras socialmente relevantes, como,

entre outros, em *Quintã de Pêro Martins, Vila Fernando, Monte Margarida, Casal Vasco, Vilar Torpim, Aldeia do Bispo*. Esta tendência não se regista nos dados do distrito de Aveiro.

Assim, uma análise assente na interseção entre as características semânticas do N1 (nome núcleo) e dos elementos que, ocorrendo à sua direita, o modificam, permite constatar que os dois conjuntos de topónimos compostos sob escopo, ainda que assentes em áreas semânticas do N1 coincidentes, divergem significativamente no que concerne à respetiva frequência de ocorrência (cf. Quadro 8.).

Quadro 8: Ordem de frequência das áreas semânticas mais comuns do N1: Aveiro e Guarda

<b>Áreas semânticas do N1</b>	<b>Ordem de frequência: topónimos de Aveiro</b>	<b>Ordem de frequência: topónimos da Guarda</b>
Acidente geográfico	5	1
Aglomerados humanos	3	2
Construções humanas	4	3
Flora	2	4
Religião	1	5

Contrariamente, no que concerne às áreas semânticas dos elementos modificativos, é de destacar, nos dois grupos de topónimos em análise, a importância que têm os elementos naturais envolventes, nomeadamente os cursos de água e os acidentes do relevo.

## Considerações finais

Com este trabalho, pretendia-se estudar a presença de denominações toponímicas compostas nos nomes de freguesia de dois distritos portugueses (Aveiro e Guarda), com o duplo objetivo de aferir a representatividade destas construções e de as caracterizar (considerando os critérios de análise usados habitualmente para os nomes comuns compostos).

Tal como já constatado para outras línguas (SCHNABEL-LE CORRE, 2014) e até para outras variedades do português (SILVA; ISQUERDO, 2020), as denominações toponímicas compostas são bastante comuns no *corpus* em estudo, correspondendo a 41% do total de nomes de freguesia analisados. A presença de nomes de freguesia compostos é mais evidente no distrito da Guarda (44%), no qual todos os concelhos incluem freguesias com nomes compostos, do que no de Aveiro (37%), onde se identificam três concelhos sem denominações compostas nas respetivas freguesias.

A análise detalhada dos nomes compostos de freguesia identificados, seguindo os critérios de análise recentemente aplicados em estudos dedicados aos nomes comuns compostos do português europeu (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016), permitiu verificar que as denominações toponímicas tidas em conta como base para o estudo constituem, maioritariamente, casos de composição sintagmática, assumindo configurações que, superficialmente, coincidem com as de sintagmas livres, nomeadamente nos casos das estruturas [NprepN]<sub>N</sub>, [NprepdetN]<sub>N</sub> ou [NA]<sub>N</sub>. São também relevantes os compostos morfossintáticos, assentes na estrutura [NN]<sub>N</sub>, sendo bastante mais frequentes no distrito da Guarda.

O estudo dos esquemas compositivos, centrando-se na observação das combinatórias de categorias gramaticais na base das denominações toponímicas em apreço, revelou a existência de muitas combinatórias distintas, uma diversidade que se acentua no distrito da Guarda (com 21 possibilidades de combinação de categoria diferentes face às 16 identificadas nos nomes em estudo do distrito de Aveiro). Neste contexto, importa referir que também há diferença no que concerne aos esquemas mais comuns nos nomes de um e de outro distrito. Assim, em Aveiro, os três esquemas mais frequentes são [NprepdetN]<sub>N</sub>, [NprepN]<sub>N</sub>, [NN]<sub>N</sub>, ao passo que na Guarda são [NprepdetN]<sub>N</sub>, [NN]<sub>N</sub> e [NA]<sub>N</sub>. Sublinha-se o facto de o esquema mais usado ser o mesmo em ambos os distritos: [NprepdetN]<sub>N</sub>.

Aplicando ao estudo destas denominações toponímicas compostas os critérios referentes às relações sintáticas intracomposto, tão comuns nos estudos da composição nominal, verificamos que se encontram, maioritariamente, ocorrências de compostos modificativos, nos quais os elementos da direita, independentemente da sua configuração categorial, funcionam como modificadores do nome da esquerda, permitindo, por vezes, a distinção de várias instâncias do N1 (ex.: *Vila Chã* vs *Vila Ruiva*).

Estas relações intracomposto são também relevantes quanto se analisam as áreas semânticas dos nomes utilizados nas denominações toponímicas. Neste âmbito, verificou-se alguma divergência entre o *corpus* de cada um dos distritos em apreço: em Aveiro, são muito comuns os N1 que denominam realidades das áreas da religião, da flora, dos aglomerados urbanos, ao passo que na Guarda se destacam os que denotam acidentes geográficos, aglomerados urbanos e construções urbanas. Já no que concerne às áreas semânticas dos elementos modificadores (à direita), assinala-se a coincidência, em ambos os distritos, das denominações associadas aos rios, a outros acidentes geográficos e, no caso da Guarda, à fauna. Esta análise não pode dissociar-se de uma reflexão em torno das próprias características naturais/geográficas de ambos os distritos: no distrito da Guarda, profundamente marcado pelo relevo montanhoso, têm muita influência as denominações associadas precisamente à serra (ex.: *Freixo da Serra, Mangualde da Serra, Paços da Serra, Vila Franca da Serra*, etc.), ao passo que em Aveiro são muitos os topónimos que refletem o relevo mais plano, próprio das gândaras (ex.: *Amoreira da Gândara, São Martinho da Gândara*), ou as próprias especificidades do solo (ex.: *Oliveira do Bairro, São Lourenço do Bairro, Vilarinho do Bairro*). Em ambos os distritos, é evidente o quão determinantes são os cursos de água para os aglomerados humanos, razão pela qual se encontram várias denominações toponímicas compostas que integram os nomes dos rios mais relevantes nestas duas regiões (ex.: em Aveiro, *Castanheira do Vouga, Macinhata do Vouga, Rocas do Vouga* vs *Lajeosa do Mondego, Seixo do Coa, Vale do Massueime, Vila Boa do Mondego*, na Guarda).

Esta análise que agora se propõe, ainda que assumidamente de pendor sincrónico, beneficiará de uma posterior e complementar abordagem multidisciplinar, que permita conhecer, de forma mais detalhada, as relações entre as denominações toponímicas rastreadas, as características geográficas e sociais destas regiões, assim

como a sua história. Nessas análises futuras, será também fundamental a exploração do grau de opacidade semântica dos compostos, necessariamente assente, por exemplo, no estudo das motivações metafóricas envolvidas, assim como a identificação de diferentes níveis de cristalização da própria estrutura toponímica composta (dando seguimento a trabalhos aplicados aos nomes compostos comuns (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016) e aos topónimos (SILVA; ISQUERDO, 2020). Esse estudo, porém, pela abrangência que terá de ter, não se compagina com o enfoque especializado do presente trabalho, centrado, como inicialmente se referiu, numa análise morfológica sincrónica dos topónimos compostos.

Ainda que seja assente num recorte muito parcial dos topónimos portugueses - apenas os nomes de freguesia de dois distritos (num total de 544 denominações) - e baseado numa perspetiva de análise muito específica (estudo sincrónico de pendor morfológico), acreditamos que este trabalho, para além de ter contribuído para robustecer os estudos sobre a toponímia portuguesa, poderá espoletar o interesse pela análise das denominações toponímicas compostas, que, quer pela sua expressividade em várias línguas já estudadas, quer pela riqueza lexical advinda da junção de várias unidades numa única denominação, se afiguram como terreno propício a estudos sob diversas perspetivas complementares.

## Referências bibliográficas

ALMELA PÉREZ, R.; LÓPEZ LOPÉZ, A. Morfología de los topónimos. Revista de Investigación Lingüística, v.16, p. 137-164, 2013. Disponível em <https://revistas.um.es/ril/article/view/208701>

AMARAL, E.T.; SEIDE, M. S. Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

AME – Agência para a Modernização Administrativa. Organização geográfica e administrativa. 2023. Disponível em [https://transparencia.gov.pt/pt/municipios/portugal-e-os-municipios/organizacao-geografica-e-administrativa/#ptc\\_pt\\_organizations\\_id](https://transparencia.gov.pt/pt/municipios/portugal-e-os-municipios/organizacao-geografica-e-administrativa/#ptc_pt_organizations_id) Acesso a 22 de maio de 2023.

AZEVEDO, M. L. Toponímia moçárabe no antigo Condado Conimbricense. Tese de doutoramento em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas (Linguística Portuguesa) apresentada à Fac. de Letras de Coimbra. Coimbra: Faculdades de

Letras da Universidade de Coimbra, 2006. Disponível em  
<https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/716>

CARVALHINHOS, P. J. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). Revista USP, v.56, p. 172-179, 2002-2003. Disponível em  
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33819>

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1998.

DICK, M. Toponímia e antroponímia no Brasil. São Paulo: USP, 1990.

DGAL – Direção Geral das Autarquias Locais. Portal Autárquico – Municípios. 2023. Disponível em <http://www.portalautarquico.dgal.gov.pt/pt-PT/administracao-local/entidades-autarquicas/municipios/> Acesso a 23 de maio de 2023.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. Dicionário da Língua Portuguesa. 2023. Disponível em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/> Acesso a 23 de maio de 2023.

GONSALVES, D; TAVARES, M. Sintagma Toponímico: um exame com base em dados do ATEMS. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). Toponímia: Tendências toponímicas no Estado de Mato Grosso do Sul – volume 2. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020, p. 211-227. Disponível em  
<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3549>

INE - Instituto Nacional de Estatística. Divisão Administrativa. s/d. Disponível em <https://www.ine.pt/xportal/ine/portal/portlets/html/conteudos/listaContentPage.jsp?BOUI=6251013&xlang=PT> Acesso em 22 de maio de 2023.

ISQUERDO, A. Apresentação. In: ISQUERDO, A. (Org.). Toponímia urbana do Brasil: Estudos – volume 3. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 2023, p.7-15. Disponível em <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5662>

KOHNLEIN, B. The morphological structure of complex place names: the case of Dutch. The Journal of Comparative Germanic Linguistics, v.18, p. 183-212, 2015. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s10828-015-9075-0>

LOFSTROM, J. Lexicographic Treatment of Toponyms. In: TORT I DONADA, Joan.; MONTAGUT I MONTAGUT, Montserrat (Eds.). Els noms en la vida quotidiana. Actes del XXIV Congrés Internacional d'ICOS sobre Ciènces Onomàstiques. Generalitat de

Catalunya. Departament de Cultura, 2014, p. 1259-1268. Disponível em <http://www.gencat.cat/llengua/BTPL/ICOS2011/130.pdf>

LOFSTROM, J.; SCHABEL-LE CORRE, B. Comment analyser et comparer les toponymes de différentes langues dans une perspective synchronique. *Nouvelle Revue d'Onomastique*, 52, pp. 291-318, 2010. Disponível em [https://www.persee.fr/doc/onoma\\_0755-7752\\_2010\\_num\\_52\\_1\\_1549](https://www.persee.fr/doc/onoma_0755-7752_2010_num_52_1_1549)

MANDOLA, M. Approche synchronique-contrastive en toponymie. In : TAMINE, M ; GERMAIN, J. *Mode(s) en onomastique: Onomastique belgoromane*, 2015, p. 41-56. Disponível em [https://www.academia.edu/41725448/Approche\\_synchronique\\_contrastive\\_en\\_toponymie](https://www.academia.edu/41725448/Approche_synchronique_contrastive_en_toponymie)

MARQUES, E. A. Fraseotopônimos: estabelecendo diálogos entre a fraseologia e a toponímia. *Guavira-Letras*, v.35, n.35, p. 23-33, 2017. Disponível em <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/589>

PELLENS, J.B; SANTOS, A. V. Nomes justapostos em uso no Brasil. *Inventário*, v.25, p. 23-42, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/33841>

PORTAL DO ELEITOR. Reorganização freguesias. s/d. Disponível em URL <https://www.portaldoeleitor.pt/Paginas/ReorganizacaoAdministrativa.aspx> Acesso em 18 de março de 2023.

RANCHOD, E. O Lugar das Expressões “Fixas” na Gramática do Português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Eds.). *Razões e Emoções: Miscelânea de Estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. P. 239-254.

RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, G. (Coord.), *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 461-520.

SALEMA, L. Torres, castelos e castros no mapa linguístico de Portugal Continental. *Géolinguistique*, v.16, p. 225-252, 2016. Disponível em <https://journals.openedition.org/geolinguistique/570>

SCALISE, S.; FÁBREGAS, A.; FORZA, F. Exocentricity in Compounding. *Genko Kenkyu*, v. 135, p. 49-84, 2009. Disponível em [https://www.jstage.jst.go.jp/article/genko/135/0/135\\_49/\\_pdf](https://www.jstage.jst.go.jp/article/genko/135/0/135_49/_pdf)

SCHNABEL-LE CORRE, B. Nouns and Noun Phrases as Modifiers in Complex Toponyms: Structure, Function and Use in German, English and Swedish. In: TORT I DONADA, Joan.; MONTAGUT I MONTAGUT, Montserrat (Eds.). *Els noms en la vida quotidiana. Actes del XXIV Congrès Internacional d'ICOS sobre Ciènces Onomàstiques*. Generalitat de Catalunya. Departament de Cultura, 2014, p. 1427-1435. Disponível em <http://www.gencat.cat/llengua/BTPL/ICOS2011/148.pdf>

SCHNABEL-LE CORRE, B. Prepositional Phrases and Coordinated Phrases in Toponyms : a Constrastive Study of Germanic and Romance Languages. In: LOFSTROM, J.; SCHABEL-LE CORRE, B. *Challenges in Synchronic Toponymy. Défis de la toponymie synchronique*. Tübingen: Narr Francke Attempto Verlag, 2015.

SILVA, C.; ISQUERDO, A. Fraseo(topônimos): um estudo de topônimos polilexicais na perspectiva da fraseologia. *Revista do GEL*, v.17, n.2, p.286-308, 2020. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2450>

URSINI, F.-A. On the structure of toponyms. In: KŐRTVÉLYESSY, L.; ŠTEKAUER, P.; VALERA, S. (Eds.). *Word Formation Universals*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2017, capítulo 15. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/314766536\\_ON\\_THE\\_STRUCTURE\\_OF\\_TOPONYMS](https://www.researchgate.net/publication/314766536_ON_THE_STRUCTURE_OF_TOPONYMS)

VILELA, M. O léxico do português: perspetivação geral. *Confluência*, v. 8, p. 17-30, 1994. Disponível em <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/755/514>

VILLALVA, A. Composição. In: RAPOSO, E. P. et al (Orgs.). *Gramática do Português – volume 3*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020. p. 3151-3210.